

É ASSOCIADO DA OCC?

Saiba os benefícios que pode usufruir
ao abrigo do protocolo **Vida Económica / OCC**
Descontos em assinaturas e livros

☎ 223399400 | ✉ encomendas@grupovidaeconomica.pt

Bancos portugueses
entre os mais
rentáveis e sólidos

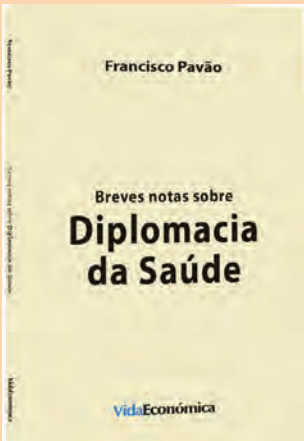
Os bancos portugueses continuam a destacar-se no panorama europeu pela combinação de elevada rentabilidade e sólida posição de capital. Dados do Banco Central Europeu indicam que, no terceiro trimestre, as principais instituições registaram um rácio CET1 de 17,89% e uma rentabilidade dos capitais próprios de 16%. Estes números colocam Portugal como o sétimo país da Zona Euro em capitalização e o segundo mais rentável. Apesar da pressão sobre a margem financeira, a banca mantém níveis de malparado em mínimos históricos e permanece entre as mais robustas do bloco europeu.

IGCP recompra
mais de mil
milhões em dívida
para suavizar
amortizações

O IGCP realizou uma operação de recompra de Obrigações do Tesouro no valor de 1.046 milhões de euros, envolvendo títulos com vencimento em 2026 e 2027. A iniciativa reforça a gestão ativa da dívida pública, reduz a concentração de vencimentos e aumenta a previsibilidade das necessidades de financiamento do Estado, segundo o economista Paulo Monteiro Rosa.

Livro sobre diplomacia da saúde
apresentado na Misericórdia do Porto

O livro Breves notas sobre Diplomacia da Saúde, da autoria de Francisco Pavão, é apresentado no próximo dia 22 de dezembro, na Misericórdia do Porto. Editada pela Vida Económica, a obra reúne reflexões e testemunhos sobre o papel crescente da saúde na política externa, abordando temas como cooperação internacional, multilateralismo e saúde global. Com base na experiência do autor em contextos nacionais e internacionais, o livro propõe uma leitura atual sobre os desafios globais da



saúde e o contributo de Portugal neste domínio

Burocracia é o maior obstáculo
para as empresas

As empresas fazem um balanço “ligeiramente positivo” de 2025 e encaram 2026 com maior otimismo, segundo um inquérito da Associação Empresarial de Portugal (AEP) junto de 780 empresas. Mais de 40% esperam aumentar a atividade no próximo ano,

enquanto menos de 9% antecipam uma quebra. Em 2025, cerca de 17% registaram diminuição da atividade. A burocracia surge como o principal entrave, apontado por mais de 80% das empresas, seguida da fiscalidade, morosidade da justiça e dificuldades na contratação.

Governo relança concurso do TGV
Porto–Lisboa e aprova autoestrada
Viseu–Coimbra

O Governo aprovou o relançamento do concurso público internacional para o segundo troço da linha de alta velocidade Porto–Lisboa, após a anulação do primeiro procedimento, e deu luz verde à ligação rodoviária Viseu–Coimbra com perfil de

autoestrada. O novo troço ferroviário ligará Oia a Taveiro, numa extensão de 60 quilómetros, mantendo a adaptação da estação de Coimbra B. A construção deverá arrançar em 2027. Os detalhes serão apresentados pelo ministro das Infraestruturas.

PUB

ALMOÇO-DEBATE COM JOAQUIM MIRANDA SARMENTO
MINISTRO DE ESTADO E DAS FINANÇAS

14 DE JANEIRO. SHERATON LISBOA HOTEL

TEMA A SER DIVULGADO BREVEMENTE

MAIN SPONSOR:

DePaço
FOUNDATION
SUPPORTING THOSE WHO PROTECT AND SERVE

GOLD SPONSORS:

MEDIA PARTNERS:

Inscrições: geral.icpt@gmail.com | geral@icpt.pt 211 320 413 | 913 330 055

NOTA DE FECHO



JORGE A. VASCONCELLOS E SÁ
Senior Researcher at CIGEST
MBA Drucker University / PhD Columbia University / Jean Monnet Chair
E-mail: associates@vasconcellosesa.com
Website: www.vasconcellosesa.com
LinkedIn: <http://www.linkedin.com/in/vasconcellosesa>
<http://www.linkedin.com/company/vasconcellos-e-sa-associates/>

O que é bom para a General Motors
é bom para os EUA

Em 1953, Charles E. Wilson, presidente da General Motors foi nomeado por Eisenhower, secretário de defesa.

Nas sessões para aprovação no senado, Wilson disse que há muito que pensava que *o que era bom para os EUA era bom para a General Motors e vice-versa*.

Rapidamente os media e os críticos se insurgiram **contra o vice-versa**. E isto numa altura em que a GM era a maior empresa dos EUA e o maior empregador industrial (com a indústria representando cerca de 25% do PIB e 30% do emprego total).

Se a fixação dos críticos no **vice-versa** (o que é bom para a GM é bom para os EUA) tem sobretudo a ver com a arrogância, ambos lados da frase têm tanto de **errado**, como de **perigoso**.

O **mais fácil** de ver é que um país pode querer aumentar a concorrência num mercado através de anti-trust ou regulamentação e isso vai contra os interesses das empresas instaladas.

Mas o **mais importante** é o perigo do domínio das empresas sobre a sociedade criando relações demasiado próximas entre o governo e as empresas: incestuosas, próprias de uma plutocracia. Uma corporate society. Aquilo que Aristóteles chamava de oligarquia como degenerescência da aristocracia.

O **lucro** é em geral sinónimo de responsabilidade social: o empresário ou o gestor dá (em vendas) à sociedade mais do que dela tira (as compras) e portanto **cria valor**. Daí se dizer que os **empresários/gestores são os alquimistas modernos**: pegam em bronze e vendem prata; pegam em prata e transformam-na em ouro. Livremente. Sem obrigar ninguém a comprar-lhes. Com clientes. Não contribuintes sob o jugo da força.

Mas uma coisa é dizer que o lucro é **parte** da solução para o bem-estar em termos de nível e qualidade de vida.

Outra coisa é dizer que tal ocorre **sempre e em qualquer circunstância**.

Se uma empresa poluir. Se uma empresa não oferecer higiene no local de trabalho. Se faltar a segurança multiplicando os acidentes de trabalho. Se usar mão-de-obra escrava. Ou de países cuja cultura (direitos das mulheres, crianças –

casamentos infantis – etc.) for incompatível com a cultura do país hospedeiro e os direitos do Homem.

Em todas as situações de cima, a empresa lucra mais, mas a sociedade fica pior.

O que isto significa é que o **governo não existe para servir as empresas. Mas estas para servir a sociedade**.

Donde, um **ponto prévio e três conclusões**.

Ponto prévio: É significativo do estado de recessão da mentalidade de Portugal, o **desplante** (à falta de melhor palavra) com que alguns invocam os interesses das empresas como o bem social não só maior, mas único. Mais de **setenta anos** depois da indignação que semelhante frase causou nos EUA, um país do qual **Calvin Coolidge** disse: the business of American is business. E as pessoas são frequentemente avaliadas por: *how much is helshe worth?*

E a **contraciclo** do que países mais desenvolvidos fazem (como p.e. os EUA que têm um PIB per capita quase o dobro do português) em que rejeitam (subcontratar para países com) salários baixos e dizem às empresas para trabalhar com salários altos (dos americanos).

E depois **três conclusões**.

Primeiro: o **papel do governo** é precisamente estando *abaixo da sociedade* (daí as eleições) e *acima das empresas*, estabelecer as condições (as leis e regras), para que haja uma coincidência entre lucro e bem estar dos cidadãos.

Segundo: se tal não for possível, optar pela sociedade (rios limpos, ambiente saudável, segurança, etc.) e não pelas empresas (lucro). Uma coisa é o social, outra o privado.

E **terceiro:** até porque muitas vezes na ânsia do fácil esquece-se que **a necessidade aguça o engenho**.

Por exemplo, a necessidade de contratar salários mais altos aguça a qualidade da gestão (com impacto directo na produtividade sendo a produtividade por hora portuguesa apenas 63% da média da zona euro). Isto é, a qualidade das organizações. Cujo somatório dos valores acrescentados é o PIB per capita.

Ao fim e ao cabo, aquilo que se incentiva não é o que se obtém? Qualidade ou desleixo? Rigor ou facilitismo?